



<b>i</b>  13-08-2015	<b>Periodicidade:</b> Diária	<b>Temática:</b> Justiça
	<b>Classe:</b> Informação Geral	<b>Dimensão:</b> 2126
	<b>Âmbito:</b> Nacional	<b>Imagem:</b> S/Cor
	<b>Tiragem:</b> 80000	<b>Página (s):</b> 1/4 a 5

*Alves dos Reis*

*Dona Branca*



**CONHEÇA  
5 DOS  
MAIORES  
BURLÕES  
PORTUGUESES // PÁGS. 4-5**

*Rui Pires Salvador*

**A** Radar //

# Burlões. Os portugueses mestres no conto do vigário

## Rui Pires Salvador



●●● Rui Pires Salvador foi condutor de autocarros e empregado de mesa, antes de se tornar presidente da empresa LibertaGia. Dizia que queria acabar com a pobreza, mas terá montado um esquema em pirâmide, à semelhança do de Dona Branca, que poderá ter afectado cerca de 3 milhões de pessoas em 26 países diferentes. O embrião do esquema terá surgido em 2003, no Parque das Nações, Lisboa, onde Rui Salvador deu uma palestra para confirmar a veracidade do seu projecto.

Na sessão, garantia que era possível ganhar 70€ diários com um negócio de publicidade online, que teria um retorno anual de 350%. Uma promessa de dinheiro fácil. A partir daí, a expansão foi imediata, angariando mais de 1,5 milhões de investidores dos mais variados países, em pouco mais de dois anos. O núcleo do esquema estaria situado em Espanha, país onde terá conseguido ludibriar 250 mil pessoas. O sucesso do plano começou a decair em 2014, quando

os investidores começaram a não receber os pagamentos devidos. Recentemente, o tribunal de Granada obteve os documentos divulgados pelo "El País", que mostram que a LibertaGia está com 134 milhões de dívidas acumuladas. Em Portugal, as queixas sucedem-se." Tivemos alguns contactos, num volume não muito elevado, o que não é surpreendente nos esquemas em pirâmide", disse à TVI24 e à Lusa o analista financeiro da Deco, André Gouveia, explicando que muitas pessoas acabam por não denunciar a situação "por vergonha ou porque têm esperança de recuperar o seu dinheiro". Rui Pires Salvador está em parte incerta, os telefones da empresa estão desligados e a investigação continua, mas só em Espanha. O processo corre na 5.ª Vara do Tribunal de Granada e foi aberto em Março, na sequência de uma queixa da Lemat – uma sociedade de advogados. Por cá, a Polícia Judiciária também já está a investigar o caso.

## Alves dos Reis



●●● Considerado por muitos como o maior burlão português da história, Artur Virgílio Alves dos Reis, foi a "mastermind" por detrás da maior falsificação de notas de banco de sempre. Filho de um cangalheiro, começou por forjar um diploma de Oxford, de uma escola politécnica de engenharia que nem sequer existia – a Polytechnic School of Engineering, – que atestava que era engenheiro. Depois, viajou para África onde adquiriu grande parte das acções da empresa de caminhos-de-ferro transafricanos de Angola – com um cheque sem cobertura.

Em pouco tempo fez fortuna, ganhou prestígio e voltou a Portugal em 1922 para comprar uma empresa de revenda de automóveis. Dois anos depois, foi preso no Porto por desfalque. Um mero contratempo para Alves Reis.

Na cadeia, e durante os 50 dias que esteve preso, concebe o seu mais ousado plano com a ajuda de alguns cúmplices.

Já em liberdade, cria um contrato fictício em nome do Banco de Portugal e que lhe permitiu conseguir notas de 500 escudos falsas, mas impressas pela empresa que imprimia as notas de escudos na época – a empresa britânica Waterlow & Sons Limited – o que conferia ao dinheiro uma grande autenticidade. Resultado: uma emissão de 200 mil notas de 500 escudos, que são colocadas em circulação com a efígie de Vasco da Gama.

A sua capacidade financeira permitiu-lhe fundar o Banco Angola e Metrópole, e de quase controlar a autoridade monetária portuguesa. Não fosse a ávida observação do jornal "O Século" a desvendar a fraude e ninguém teria dado por nada. No seu julgamento, no qual foi condenado a 25 anos de prisão, Alves dos Reis reconheceu o seu esquema de falsificação, descrevendo a sua actuação como patriótica e guiada para o desenvolvimento de Angola. Morreu na miséria em 1955.

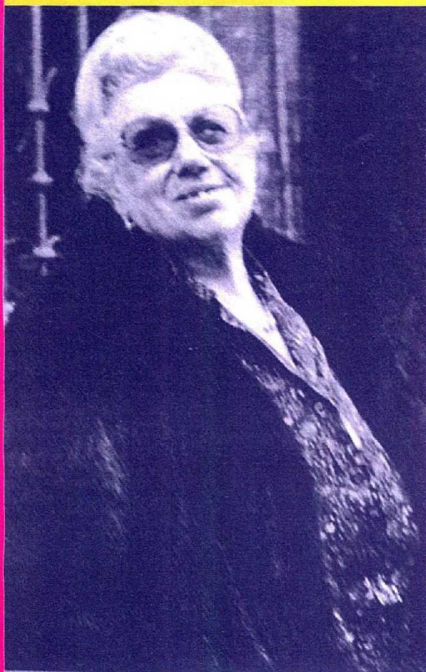


## CRIME

As artimanhas criadas pelos burlões são por vezes tão ardilosas e sofisticadas que se tornam mitos urbanos. As suas curiosas carreiras já inspiraram blockbusters de Hollywood, como por exemplo “Apanha-me se Puderes”, filme estrelado por Leonardo DiCaprio. A película era inspirada em Frank Abnegale Jr., o célebre vigarista norte-americano que, além de fraudes financeiras, fez-se passar por piloto, médico, advogado e professor na década de 60. Portugal também tem um histórico considerável de peritos em falcatruas. De Alves dos Reis à Dona Branca, o top cinco dos burlões fica completo com a inclusão esta semana de Rui Pires Salvador, presidente da empresa LibertaGia, acusada de desviar mais de mil milhões de euros através do esquema da pirâmide. Em Espanha é acusado de ter lesado três milhões de pessoas.

RADAR radar@ionline.pt

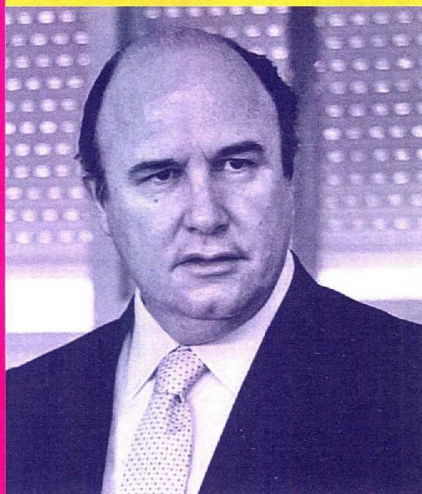
## Dona Branca



●●● A cândida imagem de Maria Branca dos Santos catapultou-a para o imaginário popular após ter tido destaque de capa no extinto semanário “Tal & Qual”. Dona Branca era “um autêntico banco” em pessoa. No seu escritório, no n.º 20 da rua Abade Faria em Lisboa, recolhia os investimentos dos seus clientes, assegurando retorno de 10% em juros. O esquema, descoberto mais tarde, era semelhante ao de Charles Ponzi – pioneiro daquele que seria baptizado como esquema de Ponzi. Num dia o cliente x depositava 20 contos e no dia seguinte o cliente y e outros 20 contos. Do depósito do cliente y, 2 contos iam para o cliente x, que obtinha de ime-

diato os seus 10% de juros mensais. Na sua lista de depositantes encontravam-se políticos e figuras do cinema e da televisão nacional. Em 1983 o espírito de beneficência de Dona Branca, que assegurava só querer ajudar os pobres, começou a cheirar a esturro e o ministro das Finanças, Ernâni Lopes pediu à Inspeção de Crédito do Banco de Portugal que investigasse. Em Setembro de 1984, as suspeitas confirmaram-se: os depósitos findaram e quem quisesse levantar as suas economias iria descobrir que a conta estava “careca”. O “T&Q” abriu com a manchete “Branca...Rota”. Foi detida a 4 de Outubro de 1984 e faleceu oito anos depois.

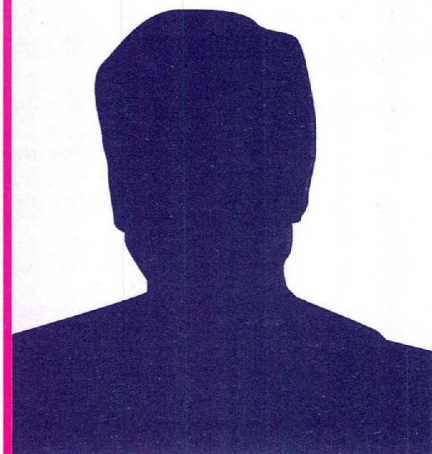
## Vale e Azevedo



●●● Este é um nome de má memória – principalmente para os benfiquistas. Licenciado em Direito, tornou-se advogado na década de 80, sendo expulso da Ordem em 2013 por falta de aptidão moral. Em Outubro de 1997 Vale e Azevedo foi eleito presidente do Benfica. Após ter sido acusado de se ter apropriado de 1 milhão de contos (que hoje seriam cinco milhões de euros), da transferência para o Alverca do guarda-redes russo Sergey Ovchinnikov, foi condenado a 6 anos de prisão. Com a quantia desviada Vale e Azevedo teria comprado um iate. Em 2004 é colocado em liberdade durante 14 segundos, após os quais volta a ser vítima

de novo mandato de detenção. No ano seguinte é acusado de burla a Pedro Dantas da Cunha, com quem tinha celebrado um acordo de venda de terrenos em 1997. O Ministério Público deliberou que Vale e Azevedo se aproveitou da relação de confiança que mantinha com a vítima, falsificando “vários documentos, designadamente procurações por si minutadas” para assim obter, à revelia de Dantas da Cunha, poderes para hipotecar um imóvel localizado na Praça Francisco Sá Carneiro, em Lisboa. A 2 de Julho de 2013, foi condenado a 10 anos de prisão efectiva pelo desvio de mais de 4 milhões de euros dos cofres do Benfica.

## Alberto Figueiredo



●●● Em 1980 fundou a Afinsa, um grupo empresarial que operava no mercado da arte, filatelia, numismática e antiguidades. No final de 2004 a Afinsa possuía 100 escritórios em vários países europeus, asiáticos e nos Estados Unidos, 2600 empregados e cerca de 143 mil clientes. Dois anos depois a Afinsa e o Forum Filatélico foram acusados de fraude fiscal, branqueamento de capitais e insolvência envolvendo os investimentos de mais de 350 mil clientes privados em Espanha. A Procuradoria Anti-Corrupção espanhola avaliou a alegada burla da Afinsa em 1 100 milhões de euros, uma das maiores nos últimos 25 anos. A companhia foi acusada de operar um esquema Ponzi usando o dinheiro dos novos investidores para pagar os lucros dos antigos e de empolar o valor dos seus activos filatélicos. Mais tarde ficou a saber-se que foram lesados quase 200 mil clientes e que o buraco financeiro ultrapassava os 1823 milhões de euros. O mecanismo usado pela empresa para burlar os seus clientes era o seguinte. Depois de comprar secretamente em Junho de 2003 o catálogo Brookman por 650 000 dólares, que apresentava como “prestigioso e independente”, a Afinsa decidia que material devia ser catalogado assim como o seu valor. Segundo a Procuradoria Anti-Corrupção espanhola a empresa comprava os selos ao grupo Escala, na qual detinha uma participação directa e indirecta superior a 67%, a um preço de 10 a 15% do valor que logo de seguida fixavam no catálogo Brookman o preço final de venda dos selos aos clientes.